

Pesquisar e fazer-se pesquisador: reflexões sobre uma trajetória de pesquisas sobre juventude

Luís Antonio Groppo

GROPPO, LUÍS ANTONIO. Pesquisar e fazer-se pesquisador: reflexões sobre uma trajetória de pesquisas com as juventudes. In: Maria Nobre Damasceno; Celecina de Maria Veras Sales; Nadja Rinelle Oliveira. (Org.). Pesquisa qualitativa: formação e experiências. 1ed. Curitiba: CRV, 2016, v. 1, p. 37-52.

Introdução

Neste singelo capítulo, falo como um pesquisador com certa experiência em pesquisas com sociologia da juventude que ousa tentar comunicar algo para os jovens pesquisadores sobre os jovens. Não quero dar lições ou mostrar atalhos. Apenas compartilhar dadas experiências que marcam minha trajetória em investigações sobre a juventude, trajetória singular, não exemplar. Certamente, muito foi ensaio e erro em tempos em que as pesquisas em ciências humanas sobre juventude, no Brasil, se recriavam – a partir dos anos 1990. Ou seja, há muito o que não seguir. Por outro lado, penso que há indicações que podem ajudar aos que desejam pesquisar sobre as juventudes e a ampliar o que usualmente se imagina como pesquisa com jovens.

A primeira reflexão que gostaria de deixar aos jovens pesquisadores é sobre a importância da problematização como mote da investigação. Há de se formular uma ou mais perguntas sobre o tema da pesquisa, as quais norteiam o pesquisador. Ou, então, se redige um ou mais objetivos para se alcançar com o trabalho, buscando saber algo que não se sabe e que se urge conhecer. Esta questão ou objetivo, elemento central de toda pesquisa, há de surgir da vida pessoal (do pesquisador) e da vida social (do conjunto de dilemas e necessidades vividos pela sociedade da qual o pesquisador faz parte). (Groppo e Martins, 2007).

O problema de pesquisa deve, a um tempo, partir das necessidades e interesses do investigador e atender a necessidades e interesses da sociedade e do grupo social da qual fazemos parte. (Weber, 1995). No caso das juventudes, aos próprios dilemas e desejos dos jovens, o que, por vezes, contradiz ou desencontra o que as instituições sociais e políticas querem saber ou fazer com eles.

O problema de pesquisa pode, enfim, ir ao encontro das “necessidades” e interesses do campo acadêmico a qual o trabalho faz parte. Contudo, por vezes é necessário que ele divirja do estado da arte de um campo, que por vezes desafie o que se tem pesquisado e pensado a respeito dos jovens. É sempre bom lembrar que a ciência só é profícua quando pode ser criativa e crítica – crítica, inclusive, contra ela mesma. (Bourdieu, 1988).

Quanto às motivações pessoais da pesquisa com jovens, em certo momento de minha trajetória como pesquisador, acreditei já ter dado conta de minhas próprias questões a respeito das juventudes. Pensei que, com as pesquisas publicadas em forma de livro e de tese de doutorado, o que me inquietava a respeito dos jovens tinha sido bem respondido. Por algum tempo, fui levado a refletir e continuar a investigar sobre juventude não por motivações pessoais, mas sim por causa dos vários convites que recebi para dar palestras e cursos, seja em instituições acadêmicas, governamentais, não-governamentais e religiosas. Sou muito grato aos que fizeram estes convites, os quais me permitiram continuar ainda um pouco antenado Aos assuntos juvenis e, melhor ainda, a dialogar com os próprios jovens para além da condição de estudantes forçosamente matriculados nas disciplinas que ministrava.

Também, vi-me feito adulto enfim, terminado meu doutorado, iniciado uma carreira profissional, mudado para minha própria casa, tendo filhos. Não me sentia à vontade, e isto é uma posição pessoal, na condição de um pesquisador adulto investigando sobre as juventudes. De modo mais ou menos inconsciente, acreditava que era mais interessante que a tarefa fosse desempenhada por pesquisadores jovens, ou pesquisadores quando jovens. Penso que as juventudes têm grande capacidade de falar sobre si mesmas, talvez até melhor.

Mais recentemente, entretanto, passei a considerar que, na condição de pesquisador adulto, tenho ao menos uma boa contribuição a dar. É que pesquisar sobre juventude nem sempre é pesquisar com jovens. Mais especificamente, fiz pesquisas tratando de gestores de práticas educativas destinadas a adolescentes e jovens, buscando compreender quais as concepções de juventude e de educação para jovens que orientam estes gestores. Investigar o “outro”, ou melhor, um dos “outros” dos jovens é tarefa importante na pesquisa sobre as juventudes. No caso, o adulto, suas instituições e suas políticas. As ações dos adultos são muito importantes para ajudar a fazer, desfazer e desandar as juventudes.

Entretanto, bem mais recentemente, resolvi voltar a fazer pesquisa de campo com os próprios jovens – é a minha próxima investigação, que tratará da importância das organizações juvenis nas universidades para a formação política dos estudantes. A motivação nasceu das próprias organizações e de meus estudantes, que me procuraram diversas vezes para com eles dialogar a respeito de temas que interessam aos jovens, que me levaram a participar da criação de um Grupo de Estudos sobre a Juventude, na universidade onde trabalho atualmente, a Unifal-MG (Universidade Federal de Alfenas). Também foi motivador o impacto dos eventos organizados pelas próprias organizações juvenis da Unifal-MG, que me ensinaram muito a respeito de temas como gênero, raça e política. Desejo que minha nova pesquisa possa ser uma espécie de retribuição ao

muito que estes estudantes têm me ensinado. Passei a ter mais simpatia pela ideia da coeducação entre as gerações. Recordei que pesquisar é momento de aprender com os sujeitos que pesquisamos.

Outra observação preliminar, que diz de minha trajetória, é que pesquisar sobre juventude não é necessariamente fazer pesquisa de campo – ainda que de novo tenha me deixado seduzir por ela. Sobre os jovens de ontem, mas também sobre os de hoje, pode ser necessário fazer pesquisa documental: publicações específicas para os jovens, ou deles tratando, como revistas e livros, acadêmicos ou não; filmes, programas e séries, de rádio e TV, voltadas aos jovens ou deles tratando; registros deixados pelos próprios jovens e seus movimentos em diários, panfletos, manifestos, jornais etc.; registros deixados por adultos e suas instituições em palavras e ações destinados aos jovens, tais como leis, regulamentações, publicações científicas etc. Minhas pesquisas para o mestrado e doutorado tiveram como sujeitos jovens de outrora, jovens consumidores de rock nacional dos anos 1980 e jovens estudantes em 1968. Para conhecê-los, a estratégia escolhida passou pela pesquisa documental e de obras já publicadas a respeito, se bem que seria possível fazer também entrevistas com adultos a respeito de suas memórias juvenis.

Há, enfim, pesquisas a respeito da própria produção acadêmica sobre a juventude, tal como um estado da arte ou uma síntese das teorias sobre a juventude. Meu primeiro livro (Groppo, 2000a), tinha a petulância de querer ser uma destas sínteses. Sobre esta forma de pesquisa e os meus trabalhos teóricos, não comentarei neste capítulo, por considerar que transcendem os objetivos desta coletânea. Mas pretendo tratar das demais formas apresentadas e, principalmente, sobre como me fiz pesquisador sobre as juventudes.

Primeiros passos

Minhas boas lembranças sobre a formação inicial como cientista social me fazem defender a importância de que o graduando possa ter experiências com pesquisa ou técnicas de investigação em campo. Isto pode se dar dentro de disciplinas ou na forma de Iniciação Científica. Graças a estas experiências, parte de minha formação se fez no campo, pesquisando principalmente sobre a juventude, em espaços de lazer e em espaços religiosos. Também, iniciei investigações sobre a produção acadêmica em sociologia da juventude. Mestres como Maria Lúcia Montes, José Guilherme Cantor Magnani e Heloísa de Sousa Martins, professores do curso de Ciências Sociais da USP (Universidade de São Paulo), lá no início dos anos 1990, estão entre aqueles que me propiciaram estas importantes vivências.

Tais vivências e a liberdade que me foi dada para escolher temas e problemas de pesquisa, contribuíram para uma formação crítica e criativa – pelo menos assim acredito. Pude também

adequar técnicas e estratégias de pesquisa, tais como observação participante, entrevistas e fotografias, a incursões a campo tratando de jovens e juventudes. Muito importante foi o rico acervo das bibliotecas, em tempos de acesso quase nulo à Internet, para conhecer obras clássicas em sociologia da juventude.

Pesquisas documentais

Não seria outro o campo de pesquisa que proporia para meu projeto de mestrado em Sociologia, a sociologia da juventude. Por meio da orientação de Renato Ortiz, professor do Programa de Pós-Graduação de Sociologia da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), pude encontrar o meu tema e problema de pesquisa: a formação de um mercado consumidor juvenil de música pop-rock no Brasil dos anos 1980. Se deve haver liberdade ao jovem pesquisador, entretanto, a ausência de um pesquisador-orientador experiente pode ser um grande prejuízo, dado que é preciso tornar nossas motivações em um problema de pesquisa relevante academicamente, ou seja, um problema que trate da realidade social para além de meu interesse pessoal e que dialogue com ou desafie o estado da arte do campo acadêmico em questão.

Tratou-se sobretudo de uma pesquisa documental. (Groppo, 1996). Para tratar da constituição da música pop-rock nos países anglo-saxões, a pesquisa se baseou em livros e artigos acadêmicos. Mas também foram importantes as informações do que seriam as fontes principais da dissertação de mestrado: revistas ou magazines sobre pop-rock publicados especialmente no Brasil, tratando de artistas internacionais e nacionais. Cotejados com a produção acadêmica, as matérias dos magazines ajudaram a construir a história do pop-rock brasileiro nos anos 1980 e as estratégias de construção de um mercado consumidor juvenil. Enfim, buscou se demonstrar a ambiguidade da música pop-rock, oscilando entre a condição de uma autêntica música de jovens para jovens e a condição de uma mercadoria da indústria cultural. Os magazines, nas vozes de jornalistas, críticos e artistas entrevistados, a um tempo revelavam uma expressão musical juvenil e as estratégias da indústria cultural.

Tratava-se de uma das inúmeras expressões do que eu chamaria mais tarde de dialética da juventude ou da condição juvenil. O re-encontro com as teorias sociológicas da juventude se daria, contudo, pelo desafio que me foi feito no contato com os movimentos estudantis de 1968, ainda durante a pesquisa documental para a dissertação de mestrado. Retornarei a este ponto adiante.

Em relação à metodologia, nem sempre é difícil coletar dados em uma pesquisa deste tipo. Encontrei inúmeros magazines e discos de vinil usados em sebos, a preços muitas vezes bem acessíveis na minha cidade natal, Piracicaba/SP. Mas também tive sorte, como o feliz achado de

uma pasta com um acervo temático de matérias de jornais sobre rock nacional, na Biblioteca Municipal Mário de Andrade, na capital paulista.

Conquistado um bom acervo de fontes, o desafio era organizar a leitura e as anotações. “Criei” um método, que talvez tenha sido melhor praticado pelo grande Walter Benjamin (1985). Merquior (1969, p. 117) chamou o estilo de Benjamin de “engenharia de citação”. Foi isso que tentei fazer. Os trechos e informações considerados relevantes foram literalmente recortados e colados em seções temáticas, tais como “Anos 1960”, “Rock nacional”, “indústria cultural”, “autenticidade”, “cultura juvenil” etc. Dentro de cada seção, buscava ordenar as citações por ordem cronológica. Deste modo, ao fim do recorte e cola, ao conferir o resultado, muitas vezes encontrei já uma parte da história social da música juvenil quase que pronta. O esforço da escrita final era mais de deixar os dados falarem e tentar compreender o que diziam.

Foi surpreendente, muitas vezes, notar que os atores sociais tinham enorme consciência sobre seu tempo e sua criação. Outras vezes, ao lado da sensatez, a impossibilidade de entender o sentido do seu tempo. Sempre me lembro de um crítico de uma revista de rock, em 1987, comemorando o fato de que as gravadoras demitiram inúmeras bandas de rock nacional, consideradas de baixa qualidade – o parâmetro era o rock de vanguarda inglês. A revista não duraria mais do que um ou dois números, pois aquela crise era na verdade de todo um setor do mercado musical. O crítico não percebeu que seu próprio emprego estava em risco.

Em 1997, iniciei o meu doutoramento em Ciências Sociais, novamente pela Unicamp. O campo de estudos também era o mesmo, a sociologia da juventude. Novamente, apenas graças à contribuição decisiva de meu orientador, Octávio Ianni, é que pude construir um tema e um problema de pesquisa. O tema, os movimentos juvenis de 1968, como dito acima. O problema, o caráter mundial ou global destes movimentos, os quais constituíam o que o título de minha tese chamou de *Uma onda mundial de revoltas*. (Groppo, 2000b).

Nascido em 1971, me sentia incomodado pelo que considerava então uma sobrevalorização dos movimentos da década anterior. Acreditava que as expressões juvenis desde os anos 1970, as quais ajudaram a me formar como sujeito social, não eram apenas “alienadas”, “consumistas” e “individualistas”, como certa literatura calcada na imagem da “Geração AI-5” queria fazer crer. (Martins, 1979).

Não se tratava de um tema novo, ao contrário. Pesquisar sobre juventude no Brasil, até então, tinha sido principalmente tratar dos movimentos dos estudantes da Educação Superior, destacadamente os dos anos 1960.

Penso que o olhar que eu propunha era, sim, inovador. Provavelmente com exceção apenas da obra de Katsiaficas (1987), não era comum considerar todos os movimentos juvenis de 1968 como um único fenômeno sócio-histórico. Outras novidades eram considerar as contraculturas como parte integrante e crucial destes movimentos e tratar as revoltas do chamado Terceiro Mundo como protagonistas de grande vulto nesta onda, em vez de reflexo ou imitação pálida. A mais importante, porém, foi a de levar sociologicamente a sério a hipótese de que a categoria etária juventude era elemento central para a compreensão de 1968. Isto fez com que este trabalho fizesse dialogar sociologia da juventude como teorias dos movimentos sociais, teorias da globalização, estudos sobre ideologia, história social e política, entre outros.

Sim, tratava-se de um tema com bastante material disponível, com muitas fontes secundárias acessíveis nas Bibliotecas da Unicamp. Também, algumas fontes primárias disponíveis no Arquivo Edgar Leuenroth, da própria Unicamp. Mas o principal material veio mesmo das fontes secundárias, em forma de livros, coletâneas, artigos de periódicos acadêmicos, teses e dissertações. Diversas vezes, no caso de livros, tratavam-se de memórias pessoais de seus autores.

O próximo passo foi realizar as leituras e organizar as citações e informações destacadas. A estratégia foi semelhante àquela usada em minha dissertação de mestrado. Mas o desafio era muito maior. O conjunto de informações era bem mais vasto, dado que era preciso considerar o fenômeno em escala global, ou seja, que cada movimento, revolta e repressão era parte de um todo maior, complexo e contraditório.

O primeiro capítulo da tese foi um programa de estudos e de hipóteses, possível apenas pelas questões feitas pelo meu orientador, a respeito de prováveis elementos explicativos do caráter mundial de 1968. Os capítulos desenvolviam este programa e traziam elementos sócio-históricos mais relevantes de cada parte do globo – Terceiro, Segundo e Primeiro Mundos - que podiam comprovar ou não as hipóteses.

Confesso que as seções temáticas criadas para classificar as citações foram em quantidade muito maior, em comparação com a dissertação. Algumas delas nunca foram usadas, como a longuíssima “novas esquerdas”. Ao desenvolver, na forma de capítulos e itens, as demais seções, várias daquelas que imaginava ter que elaborar já eram resolvidas. Foi o caso dessa, a respeito das novas esquerdas. Outras acabaram tornando-se secundárias no contexto da tese, e deram origem mais tarde a artigos sobre a relação dos movimentos estudantis com a universidade e a comunidade, por exemplo.

Uma importante diferença em relação à pesquisa anterior é que, se na primeira o “recorta e cola” foi literal, agora ele foi feito todo de modo informacional, em um editor de texto de computador – o

famoso *word*. Perde-se a magia das folhas cheirando a cola branca, fixando tiras de papel com manuscritos a caneta. Mas ganha-se em possibilidades de rearranjar os excertos e percorrer os rascunhos com ferramentas como a busca por palavras-chave.

A tese buscava ser um texto com hipóteses centrais, que serviriam como fios condutores, ao lado de uma polifonia de vozes, informações e fatos que, ainda que tratassem principalmente das hipóteses, confirmando-as ou elaborando-as, em geral iam para além delas e dos assuntos que se quis abordar como principais. Ao transformar em livro, muito desta polifonia teve de ser sacrificada, em prol da possibilidade de publicação, dado o longo tamanho que a tese tomou. (Groppo, 2005).

Após a minha tese de doutorado, defendida em 2000, busquei novos temas de pesquisa, principalmente no campo da sociologia da educação, especialmente pelo fato de ter ingressado como docente em um Programa de Pós-Graduação em Educação, no UNISAL (Centro Universitário Salesiano de São Paulo). Lá, desde 2006, desenvolvi pesquisas de campo e teóricas sobre práticas educativas para além das escolares, que neste Programa eram tratadas com vários nomes, tais como educação não formal, educação sociocomunitária e pedagogia social.

Contudo, paralelamente, especialmente graças às demandas de colegas pesquisadores de outras instituições acadêmicas, assim como sujeitos e coletivos relacionados a organizações governamentais, não governamentais e religiosas, continuei a tratar de juventudes e movimentos juvenis, por meio de conferências, artigos, capítulos de livros e livros. Em boa parte, a partir de revisão bibliográfica, em pesquisas de caráter teórico.

Mas alguns empenhos também foram pesquisas documentais, como a que deu origem ao livro *Autogestão, universidade e movimento estudantil* (Groppo, 2006a) e ao artigo “A condição juvenil e as revoltas nos subúrbios da França” (Groppo, 2006b). No livro, as fontes documentais foram principalmente as publicações em periódicos franceses em 1968, ao lado de algumas revistas de outros países, com artigos que trataram de um tema que não pude trabalhar profundamente na tese de doutorado: a autogestão. Na verdade, a partir do tema da autogestão, pude trabalhar melhor a respeito das estratégias de mobilização dos estudantes em 1968, destacando o Brasil e a França, mas citando exemplos de outras partes do mundo. Também, sobre propostas educacionais emanadas dos movimentos de 1968.

No artigo, tratei das revoltas de jovens franceses, em geral filhos e netos de imigrantes, que se revoltaram nos subúrbios em 2005, por meio da queima de carros e confrontos com a polícia. (Groppo, 2006b). Tratou-se de uma história social do tempo presente, construída por meio de matérias de jornais impressos e on-line. Foi a primeira vez que usei a Internet como principal fonte

de informações, dado que, além dos jornais on-line, foram consultados sites e blogs diversos com matérias e relatos sobre a revolta. O objetivo principal do artigo, na verdade, era cotejar os fatos, relatos e interpretações sobre a revolta dos subúrbios com as elaborações sociológicas sobre as juventudes, buscando entender a atualidade e plausibilidade da tese da dialética da condição juvenil em relação a este fenômeno intrigante.

Pesquisa de campo

Desde 2006, conduzo pesquisas, facilitadas por Bolsas de Produtividade em Pesquisa do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), a respeito da sociologia da educação sociocomunitária. Por meio de investigações próprias e com o auxílio de estudantes, principalmente graduandos com bolsas de Iniciação Científica, mas também de mestrandos, tenho tratado das práticas educativas distintas das escolares que têm se desenvolvido na RMC (Região Metropolitana de Campinas), região onde se localiza o campus que acolhe o Programa de Pós-Graduação em Educação do UNISAL.

Apenas em 2012, me veio a ideia de conciliar ambas as frentes de pesquisa: sociologia da juventude e sociologia da educação sociocomunitária. Na verdade a ideia só pode surgir com o suficiente amadurecimento do campo de pesquisa sobre educação não formal e sociocomunitária. Propus ao CNPq um projeto de pesquisa chamado “Juventudes e Educação Sociocomunitária: Os jovens das camadas populares e as relações educacionais sociocomunitárias e não formais na Região Metropolitana de Campinas”.

Aprovada, a pesquisa se desenvolve desde 2013 e se encerra no início de 2016. Seu objetivo é realizar um levantamento inicial e uma caracterização das principais ações educacionais de caráter sociocomunitário e não formal que envolvem as juventudes das camadas populares na região de Campinas, buscando compreender o sentido destas práticas e suas perspectivas emancipatórias. A partir de 2014, já como docente da Unifal-MG (Universidade Federal de Alfenas), a pesquisa passou a tratar também do município de Alfenas-MG. Como metodologia, vem realizando um levantamento de dados sobre estas ações, a partir de pesquisa bibliográfica e documental, assim como observações de casos considerados como de grande relevância e, enfim, entrevistas com gestores de práticas educativas.

Dada a necessidade de ampliar o escopo da pesquisa, tratando tanto da região de Campinas quanto de Alfenas, não foi possível aprofundar a pesquisa de campo em relação a educadores e educandos. Focaram-se principalmente os gestores dos projetos e instituições que oferecem o que chamei de práticas socioeducativas, ou seja, ações de caráter educacional destinadas a populações

consideradas pobres ou “excluídas”, com a intenção de resolver problemas de natureza “social” destas pessoas. Na Unifal-MG a pesquisa se envolveu com uma disciplina optativa no curso de graduação em Ciências Sociais, “Educação não formal e Ciências Sociais”, em que os estudantes participaram do levantamento de práticas socioeducativas com adolescentes e jovens em Alfenas e entrevistaram gestores de projetos ou instituições. Além disto, a pesquisa tem envolvido 3 estudantes com Bolsas de Iniciação Científica.

Os resultados da pesquisa de campo com gestores da região de Campinas, desenvolvida ainda no UNISAL, foram comunicados no trabalho “O jovem educando e o jovem voluntário, segundo gestores de práticas socioeducativas em dois municípios da Região Metropolitana de Campinas-SP” apresentado em 2015 no Encontro Nacional da ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação). (Groppo, 2015).

Nessa pesquisa de campo na região de Campinas se desenvolveram as estratégias que serviram de base para as incursões a campo em Alfenas. Primeiro, o levantamento de dados sobre projetos, instituições e/ou organizações governamentais e não-governamentais que ofereciam práticas socioeducativas para adolescentes e jovens. Tal levantamento fez uso de buscas na Internet, especialmente o site da Prefeitura Municipal, assim como de entrevistas com informantes – naquelas organizações já localizadas – que indicaram outras organizações e projetos.

Segundo, a revisão do roteiro da entrevista para gestores e educadores já aplicado na região de Campinas, feita com o coletivo de estudantes matriculados na disciplina “Educação não formal e ciências sociais”.

Terceiro, a realização das entrevistas com gestores e alguns educadores das ações localizadas. Nos municípios da região de Campinas, havia um número relativamente grande de instituições e projetos de práticas socioeducativas para adolescentes e jovens, de modo que foi construída uma amostra que buscava abarcar, escolhida de modo qualitativo, as variadas expressões das práticas socioeducativas. Em Alfenas, o espectro de ações deste tipo para adolescentes e jovens era menor, inclusive pelo tamanho do município. Deste modo, tem-se buscado realizar entrevistas com os gestores de todas as práticas identificadas.

Para a realização das entrevistas na região de Campinas, foi seguido um roteiro com 22 questões, abaixo descritas:

Roteiro para a entrevista com os gestores das práticas socioeducativas

1. O que é ser jovem para você?
2. Quais são as principais qualidades e os principais problemas dos jovens atualmente, em sua opinião?

3. O que é ser voluntário para você? Ele é importante? Por quê?
4. O que é protagonismo juvenil para você? Ele é importante? Por quê?
5. Quantos adolescentes e jovens a instituição/projeto tem como educandos e/ou voluntários?
6. O que é emancipação para você?
7. Seu projeto/instituição tem ajudado a promover a emancipação dos jovens educandos e/ou voluntários? Caso sim, como? Caso não, por quê?
8. Quais são os principais objetivos da instituição/projeto?
9. Quando e como ela nasceu?
10. Quais são as origens dos recursos que a mantém atualmente? (públicos: federais, estaduais ou municipais; privados: da sociedade civil organizada, doações individuais, empresas privadas; recursos internacionais; cobrança de ingressos ou taxas).
11. Quem dirige e como é dirigida a instituição/projeto atualmente?
12. Quais são as ações e projetos realizados pela instituição atualmente?
13. Quais envolvem os adolescentes e jovens como educandos e/ou voluntários? Como?
14. Como são os jovens educandos e/ou voluntários em sua instituição/projeto?
15. Estes jovens enfrentam problemas em relação à violência, conflito com a lei, pobreza, ingresso no mercado de trabalho, drogadição etc.? Quais são os principais problemas? Comente.
16. Você acredita que o Estado e a sociedade poderiam fazer mais para auxiliar os jovens no Brasil a resolver os problemas que enfrentam? Comente.
17. Há participação dos jovens na elaboração e avaliação das ações de sua instituição? Caso sim, como.
18. A instituição tem entre seus educadores voluntários e estagiários? Caso sim, quantos, há remuneração e de que tipo (salário, bolsa ou outro)?
19. Conte-nos sobre a trajetória profissional e de vida que o levou a se tornar dirigente ou responsável por esta instituição/projeto?
20. Idade do entrevistado:
21. Formação do entrevistado:
22. Tempo na instituição/projeto:

Na pesquisa de campo na região de Campinas, a estratégia usada para contatar as instituições e marcar as entrevistas foi a de visitá-las pessoalmente, o que nem sempre surtiu efeito. Algumas instituições eram bastante receptivas de início, outras desde o começo afirmaram não dispor de tempo para atender os pesquisadores, justificativa alegada, enfim, também por algumas entidades que de início nos haviam recebido bem. Em alguns casos, o profissional ou gestor responsável pediu para que a pesquisadora deixasse o roteiro de questões ou o enviasse por e-mail, mas estes não responderam ou não puderam responder. Houve, enfim, os que responderam as questões na entrevista de maneira evasiva e/ou apressada. Mesmo estas entrevistas realizadas sob o signo da pressa ou apreensão foram consideradas e não foram descartadas, pois se o objetivo era compreender as representações que fazem sobre os jovens, tais respostas evasivas e rápidas também contiveram revelações e bons indícios. No conjunto, ao lado de entrevistas respondidas com maior esmero e atenção, ajudaram a atender o objetivo da investigação.

Na pesquisa de campo em Alfenas, os gestores têm recebido bem os pesquisadores, alguns inclusive

tendo participado de reuniões do Grupo de Estudos sobre a Juventude de Alfenas, projeto de extensão que coordeno na Unifal-MG. Uma das hipóteses a respeito desta maior facilidade é que os gestores de práticas socioeducativas dos dois municípios focados na região de Campinas parecem ser mais procurados pelas instituições de educação superior, especialmente o UNISAL, e estudantes em busca de estágios e em fase de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), principalmente no campo do Serviço Social. Este “assédio” parece não existir em Alfenas, e tanto instituições não-governamentais quanto governamentais parecem considerar a pesquisa como uma possibilidade de dar maior publicização às suas ações. Apenas uma instituição em Alfenas, uma fundação empresarial, dificultou a realização de pesquisas.

Como se anunciou na introdução, tratam-se de pesquisas de campo sobre as juventudes que focam os adultos educadores. Identificando-me como um adulto pesquisando sobre as juventudes, considerei que minha contribuição maior seria a de fazer a análise crítica dos discursos dos adultos e de suas instituições sobre os jovens. Desejava averiguar e compreender que imagens, noções, conceitos e preconceitos sobre os jovens e as juventudes circulam por entre as práticas e as falas dos que se colocam como administradores de práticas socioeducativas para adolescentes e jovens em nosso país.

Entretanto, paralelamente, este pesquisador passou a ter novos encontros para estudos e reflexões com os próprios jovens, no caso, os seus próprios estudantes, em um projeto de extensão universitária.

Pesquisa e extensão

Em outubro de 2013, tornei-me professor da Unifal-MG. Em 2014, após oferecer uma disciplina optativa chamada “Ciências Sociais e juventude”, alguns estudantes do curso de Ciências Sociais demonstraram interesse em participar da criação de um grupo de pesquisa ou de estudos sobre juventude. Também, recebi convites de professores e estudantes para palestrar a respeito dos movimentos estudantis e juventude. A Unifal-MG, principalmente por meio de seus jovens estudantes, desafia-me a redefinir minhas pesquisas sobre a juventude.

Ainda no 2o semestre de 2014, apresentei a proposta de um projeto de extensão, chamado Grupo de Estudos “Os jovens de Alfenas e seus dilemas sociais”, que em 2015 passou a se chamar Grupo de Estudos sobre a Juventude de Alfenas. Reúne desde então em média 15 estudantes em reuniões de estudos e planejamento, a cada 15 dias. Tivemos a grande alegria de contar com coordenação adjunta da professora Marta Rovai, do curso de História.

Apesar de a maioria dos estudantes ser das Ciências Sociais, o grupo também contou com a

participação, contínua ou esporádica, de outros cursos das Ciências Humanas, como História, Pedagogia e Geografia, mas também de outras áreas, como Odontologia, Fisioterapia e Biologia.

As reuniões debatem textos ou filmes que tratam de temáticas relativas à juventude contemporânea, tais como política, trabalho, acesso ao ensino superior, gênero, sexualidade, religião etc. A partir de 2015, as reuniões passaram a contar com a presença de convidados, em geral representantes de grupos ou organizações juvenis ou que lidavam com jovens: no primeiro semestre, de grupos juvenis atuantes na própria universidade; no segundo semestre, atuando na esfera da sociedade política ou da sociedade civil de Alfenas, para além da Unifal-MG.

Na qualidade de um projeto de extensão universitária, apesar do seu pequeno tamanho, o grupo começou a se engajar em ações para além dos estudos, como a organização de um Seminário com os grupos juvenis atuantes na Unifal-MG – Seminário “Jovem não apenas estuda, também se organiza!” Encontro dos grupos juvenis da Unifal-MG. Também, a participação na Conferência Municipal da Juventude de Alfenas-MG, reuniões com secretários municipais da Juventude e da Ação Social, atividades de voluntariado, entre outras.

Tão importante quanto o Grupo de Estudos, para este pesquisador, foi a experiência de participar, como palestrante ou apenas ouvinte, de eventos organizados pelas próprias organizações juvenis atuantes na Unifal-MG, especialmente aquelas de cunho político, como o Juntos!, o Levante Popular da Juventude e o Quilombo, mas também aquelas ligadas às questões de gênero e étnico-raciais.

Nas reuniões do Grupo de Estudos, novos aprendizados, muitas vezes com a conversa franca com aqueles que, cotidianamente, se colocavam na posição de estudantes de minhas disciplinas. Eles também sabiam muito, tinham e têm muito a me ensinar. E, certamente, têm ensinado muito a outros estudantes, geralmente de modo não formal, fora dos momentos formalizados das disciplinas. Nasceu daí a ideia de uma nova pesquisa, a se realizar a partir de 2016, apresentada a seguir.

Pesquisa sobre a formação política das organizações estudantis

Esta nova pesquisa se chama “A dimensão educativa das organizações juvenis: Estudo dos processos educativos não formais e da formação política no interior de organizações juvenis de uma universidade pública do interior de Minas Gerais”. Como visto, o principal mote desta nova pesquisa não é necessariamente teórico ou metodológico. Na verdade, a ideia desta pesquisa nasceu do impacto pessoal que vivi, como docente da Unifal-MG, em eventos promovidos por grupos de estudantes da Unifal-MG.

Ficava claro para mim a multiplicidade de organizações juvenis e ações autônomas ou semiautônomas dos estudantes, ao lado ou à parte das atividades oficiais da instituição, bem como a importância que estas organizações e ações tinham para a formação social e política dos estudantes que tomavam contato com ela (e até mesmo para outros sujeitos, como docentes, servidores e comunidade externa). Neste sentido, reencontrei não apenas o tema dos movimentos juvenis, tema de minha tese de doutorado e de outros estudos que realizei, mas considerei a importância de dar continuidade às investigações sobre as práticas educativas distintas das formais ou escolares, especialmente a denominada educação não formal – mais especificamente, a educação política de maneira não formal.

A pergunta norteadora desta pesquisa, seu problema, é: quais são as práticas educativas não formais mobilizadas pelas organizações juvenis da universidade e que contribuem para a formação política dos estudantes? Seguem-se outras, como: Estas práticas têm demonstrado a relevância da dimensão educativa não formal, paralela às rotinas de ensino, em atividades realizadas pelas organizações juvenis em um meio universitário? Quais são os sentidos, explicitados pelos discursos e pelas práticas destes estudantes, desta formação política? Tal formação vem contribuindo com uma consciência política e um posicionamento político claro e autônomo? Quais são as possibilidades de uma integração entre as atividades formalizadas da universidade, em especial a extensão universitária, e as práticas educativas não formais das organizações juvenis? Existem práticas que, atualmente, já realizam esta integração?

Na verdade, o evento o qual fez este projeto vir à minha mente foi organizado por estudantes feministas, no Dia Internacional da Mulher, em março de 2015. Nele se discutiam as relações entre os gêneros e a necessidade de os homens repensarem suas práticas e valores em tais relações. As mulheres estudantes convidaram homens estudantes para darem seus relatos, seguidos de um interessante debate em que participaram mulheres e outros homens. Tratou-se de um momento de aprendizagem, distinto do ensino disciplinar em sala de aula. Institucionalmente, ligou-se à Extensão Universitária, campo que, ao menos na Unifal-MG, tem amparado formalmente muitas atividades dos jovens estudantes que são, ao seu modo, também atividades educativas, mas de caráter não formal. No caso do evento supracitado, para além de uma educação não formal, tratou-se de uma prática educativa autogerida e que promoveu uma espécie de autoeducação entre os estudantes. (Groppo, 2006a). Mais ainda, também dos professores que foram assistir, que, do papel de educadores-educandos, tornaram-se educandos-educadores. (Freire, 1987).

Estava diante de um evento que promovia uma coeducação entre gerações (Peralva, 1997, Castro, 2009), de modo não formal, quebrando a rígida divisão tradicional entre professor e aluno, bem

como a divisão entre adultos que sabem e jovens que aprendem. Tal qual a proposta de Paulo Freire, ou a utopia da autogestão dos movimentos estudantis de 1968, aprendíamos, mestres e estudantes, adultos e jovens, em comunhão.

Tratava-se, também, de uma formação política. Não a política pensada apenas como aquela promovida por instituições estatais que supostamente detém o monopólio da força legítima ou lutam para ocupar os cargos de mando nestas instituições (partidos). Na verdade, o evento tornava público e digno de debate questões que se pensaram durante muito tempo como reclusas ao mundo privado: as relações entre os gêneros e o machismo. (Mesquita, 2008, Kolontai, 2011). Também, tornava patente uma forma de atuação política em que a participação de todos os sujeitos é valorizada, seja pela forma horizontal das relações entre os membros dos coletivos feministas, seja pela livre abertura do debate e o anseio de que seria possível intervir diretamente na realidade, sem passar necessariamente pelo Estado e pela representação. (Müxel, 1997, Silva e Castro, 2013).

Enfim, ficava marcada a realidade de uma formação social e política que ia para além da noção tradicional de socialização política. Na noção tradicional, a socialização política é promovida por instituições comandadas por adultos (família e escola) e direcionada para o aprendizado de valores vigentes nas instituições políticas formais (Estado, partidos, sindicatos etc.). (Oppo, 1998). Na realidade observada, organizações e coletivos juvenis promoviam, com apoio da universidade (da Extensão e de alguns professores) ou sem apoio, de modo oficial, paralelo ou marginal em relação às rotinas oficiais da instituição universitária, uma formação política que mais se pode considerar uma autossocialização política e, até mesmo, uma coeducação política entre gerações, desafiando os limites tradicionalmente dados entre as funções dos agentes educacionais (professores e estudantes), das categorias etárias (jovens e adultos) e dos espaços sociais (público e privado).

Esta pesquisa é orientada por alguns princípios metodológicos que aprendi junto a outros pesquisadores experientes, em especial os que junto comigo passaram pelo Programa de Mestrado em Educação do UNISAL, princípios que trago para a pesquisa agora proposta, a saber: a atuação do pesquisador como intérprete e interlocutor das comunidades educativas; a valorização da intersubjetividade e das vozes dos sujeitos das ações educacionais; a valorização de metodologias e técnicas de investigação (como a observação participante, a pesquisa participante, a história oral, o relato de experiências, entre outras) que destacam o qualitativo na realidade educacional – mas sem desconsiderar o quantitativo; e, ao lado e para além da análise de dados quantitativos, destaca-se a interpretação dos contextos, das vozes e da historicidade dos sujeitos investigados. (Antônio, 2009).

A voz do pesquisador não se quer solitária, externa e superior, mas, ainda que reconhecidamente diferente da dos sujeitos pesquisados, quer se acompanhar de ouvidos atentos e de grande

capacidade de diálogo. Ao interpretar as relações educacionais, o pesquisador, para além de oferecer um relatório ao mundo científico, quer pensar para e com as comunidades educativas estudadas. Quer se colocar também na posição de interlocutor com os sujeitos das intervenções educativas, podendo inclusive ser uma espécie de ponte entre as concepções elaboradas pelas ciências (teorias, conceitos e metodologias) e as práticas educativas presentes no cotidiano destes sujeitos. Para que esta intermediação seja possível, é ainda mais lícito o bom rigor científico – jamais o contrário – pois que se coloca tal qualidade ao dispor das comunidades educativas e de seus educadores-e-educandos. (Brandão, 2003).

A pesquisa pretende fazer uso das seguintes técnicas ou estratégias: a) Revisão bibliográfica sobre os temas formação política, socialização política, subjetivação política e organizações juvenis; b) Levantamento de dados junto às organizações juvenis da instituição de educação superior a ser pesquisada, a partir de contato com seus integrantes e coleta de material que a organização disponibiliza publicamente; c) Entrevistas semiestruturadas com jovens estudantes que participam das organizações juvenis; d) Observação de ações de caráter público promovidas por estas organizações (como palestras, seminários, reuniões públicas, manifestações, apresentações culturais etc.) ou com a participação ativa e voluntária delas; e) Organização, Realização e Análise dos resultados de Ações de Extensão a partir da devolução para as organizações juvenis, participantes desta pesquisa, dos seus resultados preliminares - no retorno destes resultados, pretende-se discutir os resultados gerais da investigação e tratar das possibilidades de articulação delas em rede e em outras ações de extensão universitária.

Penso que este relato a respeito de uma pesquisa ainda em construção, feito acima, tenha sua importância como uma experiência sobre a gestação de um projeto, desde suas motivações, ideias matrizes e planejamento da investigação em campo. Desde o primeiro momento, como em tantos outros casos aqui narrados, a pesquisa nasce do desafio que a realidade traz ao sujeito investigador.

Considerações Finais: fazer-se pesquisador

Creio que não sou a melhor pessoa para dar conselhos a respeito da difícil arte de se equilibrar entre a criação individual e as exigências dos campos científicos no atual mundo acadêmico. Também, não vejo necessidade de ruminar ressentimentos ou alardear supostas injustiças. Os jovens pesquisadores aprendem depressa como funciona a academia e o *homo academicus*. (Bourdieu, 2011). Mas algumas considerações talvez valham a pena ser feitas.

A minha formação como pesquisador em parte se compara com a formação tradicional do artesão, o que não é de todo inesperado, tendo em vista as origens medievais da universidade. Pouco a pouco,

ao lado de mestres experientes, fui praticando o labor da investigação, tomando contato com as distintas estratégias de pesquisa e de análise, bem como com as variadas metodologias e formas de divulgação do conhecimento acadêmico. Mas a minha formação se distingue da tradicional artesanaria por ter tido algo de errante, o que não é de se surpreender em um mundo mais individualista e concorrencial como o que vivemos atualmente, que transformou bastante o *modus operandi* da própria universidade.

Gostaria de considerar que nós, mais velhos, teimamos em achar que o modo como fomos formados é o mais correto. Chegamos a repetir rituais e fórmulas que nós mesmos considerávamos como repressivos e inócuos em nosso tempo de formação inicial. Isto significa que não estou defendendo que a minha formação como pesquisador, que misturou a artesanaria com a errância, seja exemplo ou padrão. Ela apenas ajuda a entender algo dos rumos que minhas pesquisas tomaram. Ela também é filha de um tempo em que pouco havia de um campo de estudos sociais sobre a juventude no Brasil, campo que hoje ainda está longe de se consolidar. Talvez seja mais fácil hoje pesquisar sobre juventude em nosso país, mas ainda não é algo fácil.

Também gostaria de considerar que é importante que o jovem pesquisador faça suas próprias escolhas. Não apenas de temas e problemas de pesquisa, mas também dos valores fundamentais que orientam sua prática. Tais valores tratam do “por que” pesquisar. Talvez, sejam as escolhas mais fundamentais.

O mestre ou orientador deve contribuir para que o pesquisador em formação vislumbre as possibilidades diversas, para que faça as escolhas entre as opções disponíveis com mais consciência e para que perceba a necessidade de que o tema e o problema de pesquisa devem ter relação fundamental com as próprias necessidades da nossa sociedade e do nosso tempo. Não podem ser fruto tão somente de idiosincrasias pessoais. Em relação aos valores orientadores da pesquisa, o exemplo dos mais experientes podem indicar as bases fundamentais que orientam o “por que” pesquisar.

Isto aconteceu comigo. O contato e o convívio com mestres experientes muito ajudou a me formar. Eles e elas tornaram a errância menos custosa, em uma relação entre gerações que nada teve de autoritária. Deles aprendi valores que considero essenciais para a pesquisa, tais como a liberdade de pensamento, a criatividade na construção de conceitos e na relação com as teorias, o espírito crítico e o desejo de uma sociedade melhor, a simpatia pelos que se rebelam contra as injustiças, a salvação do esquecimento das memórias daqueles que foram derrotados pela história e a não passividade diante das determinações feitas por políticas governamentais, por agências de fomento a pesquisa e da própria instituição universitária.

Que não pense o pesquisador experiente que já está formado, mesmo após uma tese e alguns louros de reconhecimento. Quando se pesquisa sobre as juventudes, este equívoco pode ser ainda mais prejudicial. Continuei a aprender muito com meus iguais, professores e pesquisadores com mais tempo de trabalho do que eu. Destes meus amigos, aprendi a entender o que propunha Paulo Freire e outros educadores críticos e criativos, a respeito do ensino e da pesquisa, como Carlos Rodrigues Brandão (2003), cujas propostas metodológicas expus no último item deste capítulo, quando apresentei minha pesquisa sobre a formação política das organizações juvenis. Vale ressaltar destas propostas a dialogia, saber ouvir a voz do outros, saber considerar esta voz e se permitir aprender com ela. Desejo continuar aprendendo com os jovens.

Referências Bibliográficas

- ANTÔNIO, Severino. **Uma nova escuta poética da educação e do conhecimento**. São Paulo: Paulus, 2009.
- BENJAMIN, Walter. A Paris do Segundo Império em Baudelaire. In: KOTHE, Flávio (org.). **Walter Benjamin**. São Paulo: Ática, Coleção Grandes Cientistas Sociais, p. 45-122, 1985.
- BOURDIEU, Pierre. **Homo academicus**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011.
- _____. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1988.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A pergunta a várias mãos**. A experiência da pesquisa no trabalho do educador. São Paulo: Cortez, 2003.
- CASTRO, Lúcia Rabello de. Juventude e socialização política: atualizando o debate. **Psicologia: Teoria e Pesquisas**. v. 25, n. 4, 2009, p. 479-487.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- GROPPO, Luís Antonio; MARTINS, Marcos Francisco. **Introdução à pesquisa em educação**. 3a ed. Piracicaba: Biscalchin Editor, 2007.
- GROPPO, Luís Antonio. O jovem educando e o jovem voluntário segundo gestores de práticas socioeducativas em dois municípios da Região Metropolitana de Campinas-SP. **Anais da 37ª Reunião Nacional da ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação)**. Florianópolis, 2015. Disponível em 37reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/.../Trabalho-GT03-3474.pdf, acesso em 30/dez./2015.
- _____. **Autogestão, universidade e movimento estudantil**. Campinas: Autores Associados, 2006a.
- _____. A condição juvenil e as revoltas dos subúrbios na França **Política & Sociedade**. n. 8, p. 89-121, 2006b.
- _____. **Uma onda mundial de revoltas: movimentos estudantis de 1968**. Piracicaba: Editora da Unimep, 2005.
- _____. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: Difel, 2000a.
- _____. **Uma onda mundial de revoltas: movimentos estudantis dos anos 1960**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2000b.

_____. **O rock e a formação do mercado de consumo cultural juvenil.** A participação da música pop-rock na transformação da juventude em mercado consumidor de produtos culturais, destacando o caso do Brasil e os anos 80. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 1996.

KATSIAFICAS, George. **The Imagination on the New Left.** A global analysis of 1968. Boston: South End Press, 1987.

KOLONTAI, Alexandra. **A nova mulher e a moral sexual.** São Paulo: Expressão Popular, 2011.

MARTINS, Luciano. A Geração AI-5. **Ensaio de Opinião**, n. 3, 1979.

MERQUIOR, José Guilherme. **Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin.** Ensaio crítico sobre a escola neohegeliana de Frankfurt. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Biblioteca Tempo Brasileiro – 15, 1969.

MESQUITA, Marcos Ribeiro. O movimento estudantil e as questões de gênero e de diversidade sexual: o desafio de recriar a militância. In: GROppo, L. A.; ZAIDAN FILHO, M. & MACHADO, O. L. (org.). **Movimentos juvenis na contemporaneidade.** Recife: Editora Universitária da UFPE, 2008, p. 84-107.

MÜXEL, Anne. Jovens dos anos noventa: à procura de uma política sem “rótulos”. **Revista Brasileira de Educação.** maio/ago. de 1997, n. 5-6, p. 151-166.

OPPO, Anna. Socialização política. In: BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N. & PASQUINO, G. (org.). **Dicionário de política.** 11a ed. Brasília: Editora da UnB, 1998, p. 1202-1206.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação.** maio/ago. de 1997, n. 5-6, p. 15-24.

SILVA, Conceição Firmina S. & CASTRO, Lúcia Rabello de. Para além das fronteiras convencionais do ativismo político: a inserção de jovens em “coletivos fluidos”. In: BEZERRA, Helena D. & OLIVEIRA, Sandra Maria de. **Juventude no século XXI: dilemas e perspectivas.** Goiânia: Cãnone Editorial, 2013, p. 14-44.

WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais.** Parte 2, São Paulo: Cortez, Campinas: Editora da Unicamp, 1995.